

Saúde à Esquerda: formação para o SNS

04-Abr-2009

Para a Esquerda, a Saúde é um dos eixos das políticas de igualdade. E não pode haver igualdade na Saúde se não houver aquela que um SNS gratuito, universal, abrangente e de alta qualidade pode providenciar. A forma é em si mesma, portanto, que se propõe a cumprir esse desafio: formar técnicos e socialmente profissionais capazes de responder às necessidades em Saúde e garantir a excelência do SNS.

Contributo de Vítor Castro Ferreira

À

Na formação em Saúde importa entender:

Rejeitar a visão economicista acrítica e ferverosa que hoje condiciona a prática e as decisões dos profissionais de saúde, mas ter consciência da finitude dos recursos e da necessidade de os racionar para providenciar os melhores cuidados a todas as pessoas – nesse âmbito, formar os profissionais na Medicina Baseada na Evidência (MBE) e nas Guidelines e práticas médicas mais recentes, fundamentando as decisões e evitando gastos desnecessários, mas assegurando sempre a melhor qualidade dos cuidados.

Providenciar formação continuada e ao longo da vida, enquadrada dentro da carreira profissional (carreira médica, carreira de enfermagem, etc), e que não seja dominada pela indústria farmacêutica ou com custos inportáveis para quem dela pretende usufruir.

Criação de uma estrutura que, em cooperação com as ordens profissionais, avalie e promova activamente a qualidade do ensino pré e pós graduado na área da Saúde – uma área tão sensível não pode continuar monopolizada pelas ordens profissionais, muitas vezes representantes de interesses opacos e corporativos, e frequentemente contrários ao desenvolvimento do próprio SNS.

Desenvolver a investigação pré e pós graduada na área da Saúde, de domínio público, enquadrando-a na formação continuada e nas carreiras profissionais.

Sensibilizar para uma política de ganhos em Saúde, dando resposta aos principais problemas e causas de morte e morbidade, melhorando a Saúde das populações – apostar no tratamento e prevenção das doenças cardiovasculares, respiratórias, oncológicas, mentais, obesidade e diabetes; na promoção de consumos conscientes, informados e responsáveis de substâncias como tabaco, álcool, drogas e medicamentos; e a prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).

Incutir o espírito de trabalho multidisciplinar e em equipa, contrariando o individualismo e carreirismo que emperra o funcionamento e retira efectividade dos serviços, e em última análise, prejudica os doentes.

Integrar a formação e a prática com a comunidade, socializando e sociabilizando a medicina, colocando os seus conhecimentos ao serviço da sociedade através de trabalho de proximidade na escola, no trabalho, no ambiente, na higiene, na educação sexual, nos bairros desfavorecidos, com populações imigrantes, etc.

Consciencializar para as diferenças e discriminações de classe social, de género, de etnia e de orientação sexual, que não só condicionam o acesso e os cuidados prestados aos doentes, como também limitam o próprio reconhecimento e progresso dos profissionais de saúde, e garantir os meios e conhecimentos necessários para as prevenir e esbater.

Diversificar os currículos, os conhecimentos e as práticas, iniciando um debate em torno das medicinas ditas tradicionais ou alternativas, tantas vezes omitidas e ocultadas, e abrindo espaço para a sua implementação e complementaridade.

Assegurar a formação da quantidade adequada e necessária de profissionais, mas garantindo sempre a qualidade da formação – não basta apenas aumentar cegamente as vagas, como tem vindo a ser feito no curso de Medicina, asfixiando depois as faculdades e os hospitais que não têm capacidade humana nem recursos financeiros que lhes permitam manter o nível de qualidade e exigência, que atingem já níveis preocupantes.

Garantir vagas de especialidade no SNS a todos os médicos recém licenciados, particularmente nas especialidades e regiões mais carenciadas.

Garantir que a formação médica pós-graduada continue a tomar lugar exclusivamente em universidades públicas e em hospitais públicos, instituindo uma cultura de serviço e missão em prol do bem comum, o oposto da medicina selectiva e lucrativa que se pratica nos privados.

Esta é, sem dúvida, uma proposta política para a formação na área da Saúde. Como não podia deixar de ser. A Esquerda que encara a Saúde como um direito inalienável de todos os cidadãos e cidadãs, e que vê no SNS o seu garante e a sua ferramenta, sabe bem a relevância de todo este potencial humano. E quer valorizá-lo e potenciá-lo. Pô-lo ao serviço das pessoas, das comunidades. Usá-lo na melhoria profunda das vidas e no combate activo das desigualdades sociais, comprometendo-o com essa transformação.